

Quénia

O ELOGIO DA SAVANA

Sob a brisa matinal africana, a carrinha da Across aguarda impassível no exterior do aeroporto Kenyatta de Nairobi.

- *Jambo (Olá)!* – Cumprimento.
- *Karibu (Bem-vinda)!* – Respondem-me.

O veículo saracoteia-se, saindo em direção a Navasha e ao Rift Valley. A terra, invadida pelo pó das planícies de cores secas, desenovela-se ao sabor do vento que, assobiando, remoinha a natureza. Ao longe, em fundo de aguarela ressequida pelo sol, a cratera de um vulcão vigia a paisagem. O asfalto vai estreitando, esburacado. A viatura galga o piso sacudindo-se como se fosse uma máquina voadora, deixando um rasto de partículas que plana no ar. Pequenos arbustos e acácias servem de cenário a babuínos, zebras e vacas, que anulam a monocromia da paisagem.

Texto Maria João Castro Fotos Pedro Sousa Dias



Horas depois chegamos ao Parque Nacional do Lago Nakuru para o primeiro de vários safaris. Depois de um breve descanso e de uma refeição ligeira, a Hiace rola juntamente com outras de diferentes operadores turísticos. Logo que o trilho bifurca, o amontoado de veículos espalha-se pelo parque, dispersando-se na vastidão da terra.

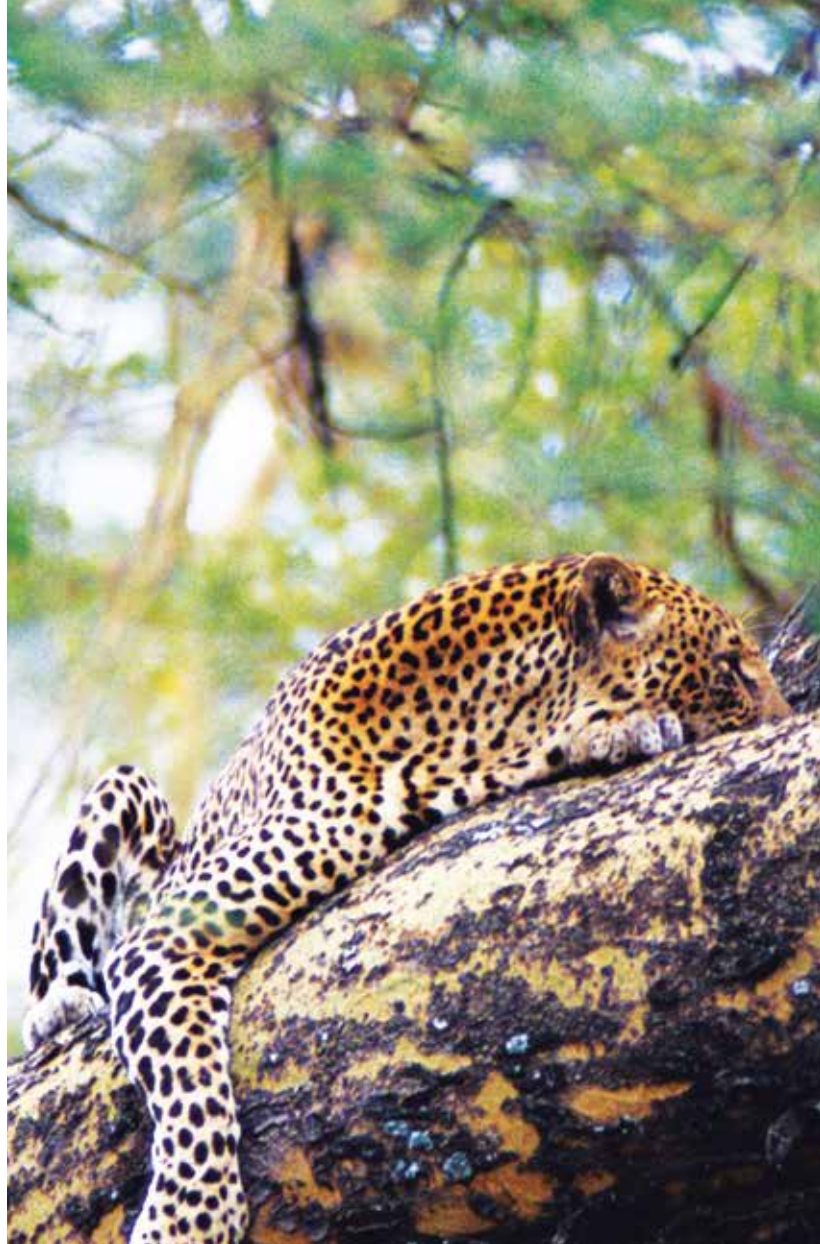
Um par de símios, à aproximação da carrinha, retira-se suspenso pelos braços enquanto uma girafa atravessa o trilho, majestosa. Instantes depois, o guia chama a atenção para um leopardo a dormir sobre o galho de uma acácia, soberbo na sua majestade felina.

A tarde vai descendo preguiçosa, ao ritmo da natureza que nos marca encontro com zebras, impalas, búfalos,

elefantes e aves de rapina. O céu, carregado de nuvens cinzentas, ameaça desaguar. Este parque possui a maior concentração de rinocerontes de África e é precisamente para admirarmos três destes exemplares que paramos mais uma vez: duas fêmeas e uma cria observam-nos, a curta distância. Pouco depois, voltam costas, afastando-se pesados, com vagar.

Dirigimo-nos para o lago Nakuru, um dos paraísos ornitológicos na Terra, conhecido pela concentração de flamingos rosados e como porto de abrigo de um terço da população mundial. O filme África Minha ajudou a tornar célebre este lugar, abrindo com a imagem de uma avioneta que sobrevoa o lago. Não chego aqui de bimotor, mas isso é de somenos importância. Não é por isso que a visão deixa de ser grandiosa e

(...) Masai Mara, um dos parques mais conhecidos do Quênia e prolongamento das planícies do Serengeti da Tanzânia. Com mais de três milhões de animais distribuídos por mil e quinhentos quilómetros quadrados, é um dos lugares de eleição para observar os Big Five: o leopardo, o rinoceronte, o búfalo, o leão e o elefante.



inusitada. Uma mancha rosácea levita sobre a superfície espectral, refletindo uma nuvem de aves cor-de-rosa; outras passeiam-se no alto das suas pernas, numa elegância aristocrata. Um marabu mal-humorado risca a margem. Nesse preciso momento, em que o cheiro a terra e o tom cinzento-escuro das últimas nuvens no céu abraça o entardecer, gravo a imagem em tons de rosa pálido do conjunto e respiro fundo, como que a prolongar o instante diáfano.

À medida que a escuridão se aproxima e se cumpre o caminho para o lodge, o parque vai-se fechando para dar lugar às histórias nocturnas de uma África imensa. Na imprecisão das pálpebras que já pesam, oiço a água que desliza sobre as pedras de um riacho. Ciciam sons desconhecidos. Um rugido de leão, seguido de um piar estridente, rompe a mudez da noite. Toda a paisagem está agora muda, pronta a deixar a imaginação enovelar-se de sonhos que remetem para a época dos grandes exploradores e das expedições às entranhas do continente africano. Livinstone, Stanley, Karen Blixen...

Sob o ar frio da nova manhã, parto com destino a Masai Mara, um dos parques mais conhecidos do Quênia e prolongamento

das planícies do Serengeti da Tanzânia. Com mais de três milhões de animais distribuídos por mil e quinhentos quilómetros quadrados, é um dos lugares de eleição para observar os Big Five: o leopardo, o rinoceronte, o búfalo, o leão e o elefante.

Na planície, as acácias chapéu-de-chuva crescem em camadas horizontais. Zebras e girafas pincelam de cor os arbustos rarefeitos que emolduram o trilho que atravessamos. Passamos Narok Town. A terra seca evidencia um masai que caminha atravessando o capim: assemelha-se ao Homem a Andar, a escultura de Alberto Giacometti, mas este com uma vestimenta escarlate que ondula, esguia, sem tocar o chão.

O reino animal desfila em slow motion: águias, avestruzes, impalas, zebras, elefantes, búfalos e gnus rasgam o céu e a terra, indiferentes à nossa passagem. Os guinchos dos macacos fazem levantar os pescoços elegantes das impalas. As hastes de um veado baloioam ao ritmo com que ruma a erva. Rinocerontes pretos cruzam o trilho, obrigando-nos a parar. Da terra desprende-se um odor hostil. As carcaças de animais, e das quais resta apenas o esqueleto, espalham-se pelo território,

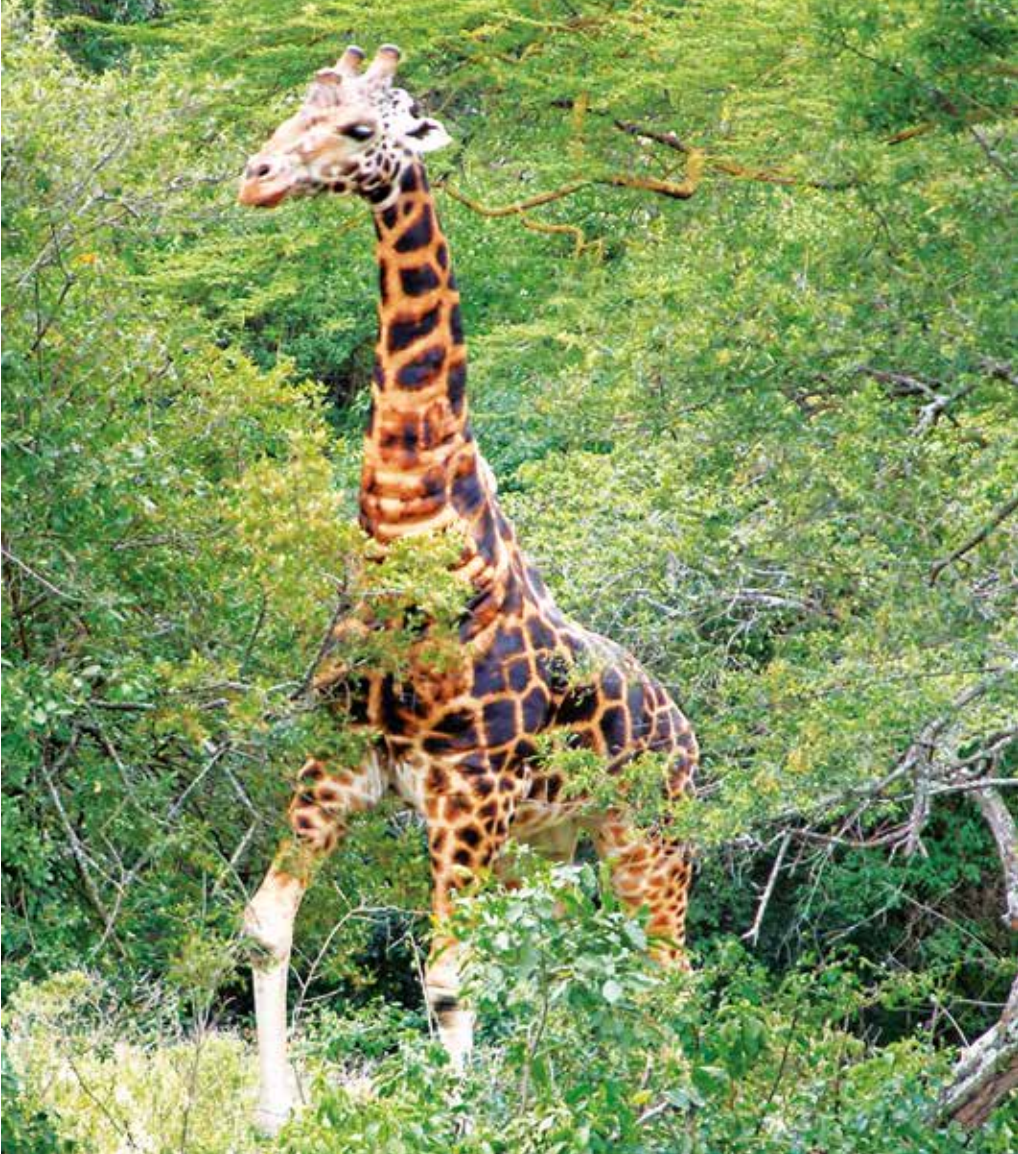
conferindo ao solo ressequido a dinâmica de uma exposição de escultura. Adiante, um par de abruces sobrevoa em círculos a copa de uma árvore. Trilhamos um percurso com pegadas secas de paquidermes e excrementos variados. As nuvens viajam com o vento que as embala em direção às montanhas e que embate contra as encostas. Manadas de gnus escurecem o mato, agitando-o. Girafas, desengonçadas no seu peso-pluma, atravessam os atalhos, galgando a planície do alto dos pescoços esguios. Ao fundo, numerosos marabus caminham desajeitados. Avistam-se manadas de zebras, gazelas e avestruzes que, silenciosas, percorrem a savana amarelecida de outono.

Paramos a viatura a um metro de uma chita. Ela rugue, espreguiçando-se. Mais à frente, num charco, algo enorme revolve as águas enlameadas. Primeiro emergem uns olhos gigantes, depois uma bocarra avermelhada abre-se, colossal, trazendo junto a si um par de hipopótamos. Não muito longe, uma leoa brincalhona dá variadas cambalhotas, esfregando-se na terra. Uma ave volteia no céu, outra eriça-se e mergulha o bico na terra dura. Atrás das colinas, reboia surdamente um trovão.

Ao longe, a chuva cai. Sopra uma rabanada de vento, que faz redemoinhar a terra, desfocando-a. A poeira forma torvelinhos espiralados e corre pela erva, levando consigo palhas e folhas que revolteiam para lá do horizonte. Um delgado véu de nuvens distende-se e engrossa. O ar torna-se carrancudo. De repente, desaba uma valente tempestade e a terra converte-se num mar de lama. É nesse instante que as inauditas combinações e cambiantes, do planalto, formam uma dança selvagem e negra. Os animais, indiferentes ao aguaceiro torrencial, movem-se silenciosos. Ao fundo, e numa espécie de nevoeiro negro rente ao chão, centenas de gnus recortam-se no dilúvio. Os relâmpagos iluminam a montanha e o choro dos deuses africanos dura o tempo de um lamento. Pouco

Mais à frente, num charco, algo enorme revolve as águas enlameadas.

Primeiro emergem uns olhos gigantes, depois uma bocarra avermelhada abre-se, colossal, trazendo junto a si um par de hipopótamos.





depois, a trovoada diminui e cessa, tão repentinamente como se iniciou. Sobra um inebriante cheiro a terra molhada. A nitidez da paisagem aperfeiçoa-se e o ar apresenta-se transparente, puro e tépido.

Pela vereda, uma série de árvores-catos solitárias descon-
tinuam a uniformidade do horizonte, povoando-o de formas
esguias que apontam para o céu.

São sete da tarde, é altura de recolher. Deixo para trás uma
paisagem áspera, crestada pelo Sol e regada pela tempestade.

A última refeição do dia incita ao convívio e à inconfidên-
cia. A conversa desenvolve-se junto ao crepitar do lume e sob
um céu estrelado, únicas testemunhas de um dia irrepetível.

Retiro-me para uma das confortáveis tendas do Sarova
Mara Tented Lodge e, sem acender a luz, deito-me sobre a
cama ouvindo cada vez mais longe o ruído da savana, até que
ele se torna num murmúrio, extinguindo-se no sono.

A carrinha arranca aos solavancos e eu atento nas pala-
vras de Sophia de Mello Breyner: Viajar é olhar.

Sob os auspícios de uma nova aurora os trilhos do parque
Masai Mara abre-se a novas descobertas. Em redor das mon-
tanhas reina um silêncio que revibra nas ondas de calor sobre
o capim ressequido. No céu, balões de ar quente mostram a
planície a turistas afortunados.

Há tempo de visitar uma aldeia masai e apreender o seu
modo de vida. Cento e cinquenta mil masais distribuem-se
por quatro milhões de hectares, entre a Tanzânia e o Quênia:
um povo, dois países, ou não estivéssemos em África, onde
as fronteiras servem apenas para enfeitar os mapas. Envolto
na tradicional shuka – a capa vermelha – alguns masais en-
contram-se reunidos à volta de uma acácia, perto da carrinha
da Across. Observam e aguardam na sua pose de escultura
longilínea, numa dignidade reservada.

Já em Nairobi, a cidade moderna de reflexos coloniais,
convida a um passeio prolongado pelo Uhuru Park, passando
pela estação de comboios, o Conference Center, a City Hall, o
Bussiness Center, a Moi Avenue e a Mesquita Jamia. Admiro os

penteados complicadíssimos das mulheres-fortaleza africanas, que se saracoteiam, altivas, no seu porte primitivo. Seguimos na senda da Biblioteca Mcmillan e do mercado, virando depois pela Biashara Street, até à universidade de Nairobi. Da Uhuru Highway encaminhamo-nos para o National Museum e finalizamos a visita no Snake Garden.

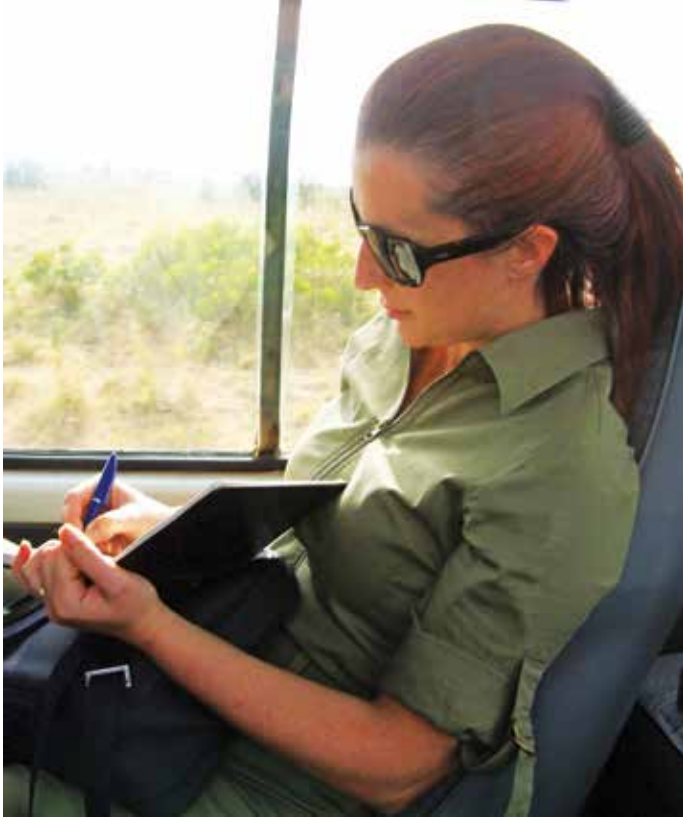
O Sol sucumbe a oeste e as sombras estendem o seu véu mudo. Já no Stanley, o hotel inaugurado em 1902 e que mantém todo o ambiente da época vitoriana, as malas aguardam o regresso. As zonas de penumbra, dadas pelos reposteiros de veludo com franjas e cordões de grande efeito cénico, esmaecem descoloridas. As paredes encontram-se forradas de fotografias a preto e branco, da época de Karen Blixen. Ao longe um clarinete murmura uma nota saudosa.

A luminosidade alonga a planície mas é a patine do tempo que coloca no lugar justo as memórias desses dias idos. Ao sobrevoar o céu queniano, matizado por jorros de nuvens púrpuras, dou-me conta que a jornada se redimensiona agora a uma outra escala: era a exuberância telúrica de África inscrevendo-se na memória como uma tatuagem na pele, num elogio da savana feiticeira que seoferece preciosa...●

Maria João Castro, *Itinerários Perdidos*, Chiado Editora.



Hotel Stanley em Nairobi



Para os lados da costa oriental africana, existe um lugar diáfano que deixou cair o véu frente ao olhar forasteiro. Quais as razões do sortilégio desta ilha que já foi persa, portuguesa, árabe e é agora africana? Que cheira a especiarias, mas foi entreposto do maior mercado de escravos de África? Que é envolvida por um Índico de um azul-turquesa impossível e, contudo, se encontra pronta a sucumbir ao turismo, arruinando-se entre a decadência e a nostalgia? Zanzibar consegue o extraordinário paradoxo de ser exótica mas não estrangeira. Procura-se entendê-la, no entanto, fica-se aquém de qualquer compreensão que abarque as suas idiossincrasias, por entre episódios de um pretérito escrito a grilhetas e marfim, e um presente com perfume a maresia, correndo num ritmo pole pole que arrasta e eterniza o momento. Qual a arte deste (Re) Encontro?

Zanzibar. **Arte de um (Re) Encontro** é o quarto livro de viagens de Maria João Castro a sair em abril de 2017 pela editora Caleidoscópio. Depois de Notas de Viagem, Itinerários Perdidos e Transiberiana, Zanzibar... oferece o olhar de uma historiadora de arte sobre o legado português na Pérola do Índico Africano. Volume repleto de imagens coloridas. PVP 15 €.

COMO IR:

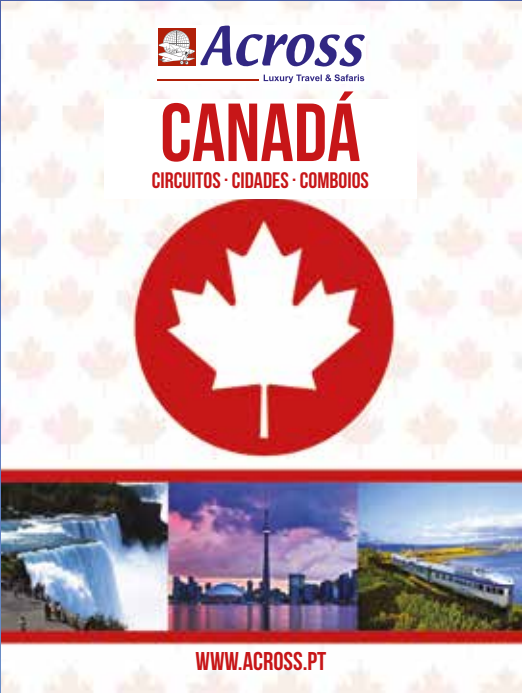
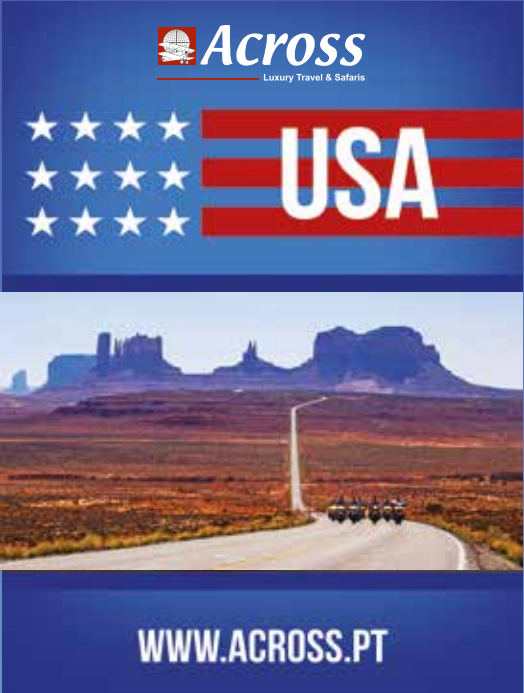
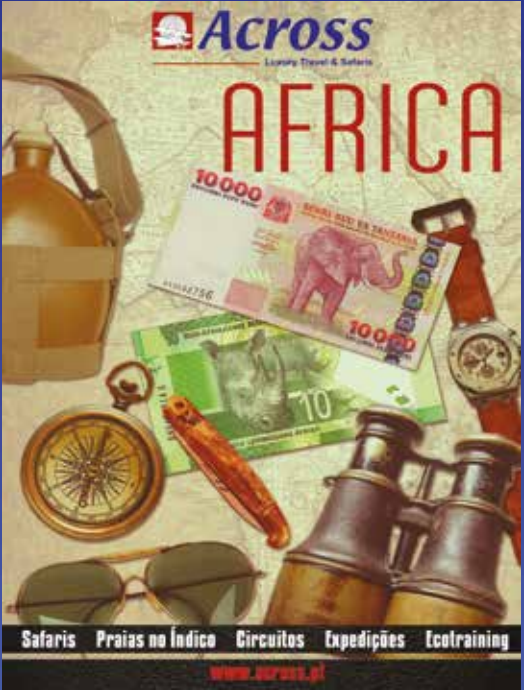
Opção de voos:
KLM, Lufthansa, Turkish Airlines

Diferença Horária de Portugal + 2 hora (Abril a Outubro)
+ 3 horas (Novembro a Março)



Across
Luxury Travel & Safaris

OS NOSSOS PROGRAMAS...



www.across.pt

Rua Latino Coelho - 1, Hi Fly Building 1050-132 Lisboa - Portugal
Tel: +351 21 781 74 70 Fax: +351 21 781 74 79 E-mail: travel@across.pt